

O papel da Bíblia e o desafio da interconfessionalidade no século XXI

Mesa-redonda no Seminário Teológico Baptista

Esta palavra, "interconfessionalidade", pode ser entendida de diferentes maneiras por diferentes pessoas e aparece, não raras vezes, associada a ecumenismo e diálogo inter-religioso. [...] Nem todas as igrejas, se sentem confortáveis e aderem e participam no movimento ecuménico. Neste contexto, e sobretudo no caso português, a expressão "interconfessional" é um pouco mais alargada e abrangente do que a expressão "ecuménico".

Alfredo Abreu
Sociedade Bíblica
Moderador

António Marujo
Católico e jornalista
do jornal Público

Silas Oliveira
Protestante e jornalista
da revista *Metrópolis*

Ao procurar perspectivar a acção presente e futura da Sociedade Bíblica, a questão do diálogo interconfessional e o papel da Bíblia surge naturalmente em primeiro plano. Isto porque, por um lado, o texto bíblico, que traduzimos, publicamos e distribuimos tem uma vocação universal e não é pertença exclusiva de nenhuma confissão, mas serve a todas. Por outro lado, ainda recentemente a Sociedade Bíblica levou a cabo uma iniciativa de grande visibilidade em todo o país, convidando todas as camadas da população a transcrever à mão a Sagrada Escritura. "A Bíblia Manuscrita" juntou cidadãos que encabeçam os diferentes órgãos de soberania e cidadãos comuns com as mais variadas convicções numa mesma iniciativa, envolvendo dezenas de milhares de pessoas. Concluiu-se que a Bíblia é, afinal, um tema-ponte ou mesmo um ponto de encontro entre pessoas e instituições de diferentes confissões e de nenhuma. E a Sociedade Bíblica, enquanto organizadora desta iniciativa, foi frequentemente percebida como uma instituição de confiança e capaz de juntar pessoas tão distintas e diferentes, à volta desse importante texto.

Para reflectirmos sobre o diálogo interconfessional e os desafios que apresenta, tendo como pano de fundo a Bíblia e o papel que a Sociedade Bíblica pode ter nesta diálogo, convidámos dois jornalistas para uma conversa que abaixo se transcreve. António Marujo, católico e jornalista do jornal *Público*, e Silas Oliveira, protestante, e que actualmente integra a equipa da revista *Metrópolis*,

aceitaram o convite para conversar sobre este assunto na presença de uma plateia de alunos e professores do Seminário Teológico Baptista, em Queluz. Moderou a conversa Alfredo Abreu, responsável pela comunicação e desenvolvimento na Sociedade Bíblica.

ALFREDO ABREU – O objectivo desta conversa entre os dois convidados e, posteriormente, com as restantes pessoas aqui presentes tem como tema: Os desafios da interconfessionalidade no século XXI. Esta palavra, “interconfessionalidade”, pode ser entendida de diferentes maneiras por diferentes pessoas e aparece, não raras vezes, associada a ecumenismo e diálogo inter-religioso. Por causa desta aparente indefinição, a minha primeira pergunta é no sentido de nos ajudarem a entender os termos diálogo ecuménico, diálogo interconfessional e diálogo inter-religioso, as suas diferenças e semelhanças.

SILAS OLIVEIRA – Uma das abordagens possíveis será: o Conselho Mundial de Igrejas não é a única organização, não é um aparelho que define e que extingue os limites do movimento ecuménico. Mas é verdade, que é institucionalmente o resultado mais visível do movimento ecuménico histórico, tal como nós o conhecemos desde há um século. Isso deu origem a que muitas das igrejas que suspeitam deste tipo de diálogos, sobretudo as igrejas de tendência mais congregacional, como é o caso das Igrejas Baptistas, por exemplo, ou Igrejas que têm alguma relutância em imaginar aparelhos eclesiásticos com degraus mais verticais ou com tendência para uma hierarquia, um governo central mais forte, olharem com suspeita o movimento ecuménico desde o seu início. Nem todas as igrejas, portanto, se sentem confortáveis e aderem e participam no movimento ecuménico. Neste contexto, e sobretudo no caso português, a expressão “interconfessional” é um pouco mais alargada e abrangente do que a expressão “ecuménico”. Em Portugal identificam-se normalmente como igrejas ligadas ao movimento ecuménico as três igrejas do COPIC, fundadoras do Conselho Português de Igrejas Cristãs, que são as mais antigas no espaço de cultura protestante: a Igreja Presbiteriana, a Igreja Lusitana e a Igreja Metodista. E depois, quando em determinado momento, já em diálogo com a Igreja Católica, em determinados encontros, se deu o salto de alargar o diálogo às Igrejas da Aliança Evangélica, que na sua maioria não estão muito interessadas no Conselho Mundial de Igrejas e têm alguma suspeita em relação ao aparelho, passou-se a usar o termo “interconfessional” para designar esses encontros. Isto dá uma ideia da nuance que existe entre “ecuménico” e “interconfessional”, neste contexto.

ANTÓNIO MARUJO – Antes de mais, é com gosto que estou aqui. Porque de facto, a experiência de “A Bíblia Manuscrita”, que a Sociedade Bíblica promoveu, foi para mim um momento do Espírito em Portugal. Penso que para muita gente foi a redescoberta da Bíblia, da Palavra. E isso é raro acontecer. Portanto, quando me convidaram para estar aqui hoje, eu aceitei com gosto. Em relação à pergunta, eu falaria de círculos concêntricos. Confesso a minha ignorância em muitas coisas nestas matérias, por isso não sei se aqui o termo será exacto. Se estivessem aqui especialistas do diálogo ecuménico e interconfessional, e é provável até que os haja, diriam que é um disparate o que eu vou dizer. Mas, como na linguagem que uso normalmente em termos profissionais tenho que tentar ser rigoroso nos termos, eu costumo referir-me ao diálogo ecuménico

quando isso supõe igrejas históricas que assumem essa relação de diálogo institucional umas com as outras. Portanto, falamos normalmente das que estão representadas no COPIC e da Igreja Católica.

O diálogo interconfessional abarca um leque mais alargado, porque tem também a ver com as comunidades Baptistas, as Assembleias de Deus, etc., muitas das quais já estão representadas no Conselho Mundial de Igrejas. Quanto ao diálogo inter-religioso, eu refiro quando está em questão por exemplo, o diálogo entre instâncias cristãs e muçulmanas ou judaicas ou budistas. Possivelmente haverá grupos que não se sentirão, digamos, só num dos círculos. Penso nesta ideia de círculos que se vão alargando, não sei se concêntricos ou mais desfasados nas suas órbitas, mais elípticos para um lado do que para o outro. Mas essa ideia dos círculos, poderá ajudar a perceber que há, de facto, aqui âmbitos diferentes do diálogo. E, se calhar, hoje há processos que avançam mais depressa, por exemplo, pensando nalgumas instâncias de diálogo entre o cristianismo e o judaísmo ou o islão. E dentro do cristianismo há também processos que têm corrido com mais, não digo aqui celeridade, acho que a velocidade não é neste caso a melhor expressão, mas tem corrido melhor. Há processos de diálogo entre algumas igrejas do Conselho Ecuménico, entre por exemplo a Igreja Católica e os Anglicanos, que têm tido alguns avanços significativos em termos doutrinários, teológico, etc. Houve um acordo há dois anos entre a Igreja Católica e a Federação Luterana. Há coisas destas que se vão conseguindo. Isto para dizer que não sendo um movimento de círculos concêntricos exactos, significa que de facto há âmbitos diferentes e que, dentro desses âmbitos, também há processos com velocidades e com dinâmicas diferenciadas.

S. O. – Ainda em relação a isto. Já que estamos num seminário Baptista, gostaria de lembrar que quando falamos nos Baptistas portugueses eles não são uma igreja unificada mas uma constelação de igrejas e dependências, como é normal aliás na família Baptista. Mas a verdade é que a Aliança Baptista Mundial, que é a nível da *Baptist Family*, que é o termo usado, a instituição mais vasta e mais representativa (e eu estive recentemente no Congresso da Aliança Baptista Mundial em Birmingham, e pude verificar isso), estão representados no Conselho Mundial de Igrejas e estão ligados às principais coisas do Conselho Mundial de Igrejas. Digamos que, a nível da Europa, os Baptistas britânicos e os Baptistas italianos, os Baptistas franceses, também estão envolvidos, sobretudo os Baptistas britânicos, estão muito envolvidos no trabalho das várias instituições ligadas ao Conselho Mundial de Igrejas. Noutros países estão menos – os Baptistas são uma família muito colorida de tendências. Outra coisa: a respeito das nuances entre interconfessional e ecuménico, eu continuo a pensar, apesar de todos os anos de trabalho do COPIC, apesar do diálogo institucional entre COPIC e a Conferência dos Bispos Católicos em Portugal, apesar do passo que depois foi dado de integrar nesse diálogo um terceiro pé que é a Aliança Evangélica Portuguesa, a coisa mais ecuménica que já se fez em Portugal até hoje foi a tradução interconfessional da Bíblia, feita pela Sociedade Bíblica.

A. A. – **Isto vai gerar com certeza um pouco mais de conversa à frente. Mas a minha questão agora é esta: estamos a falar do tema interconfessionalidade. Trata-se de um tema actual? Vocês vêem este tema reflectido na agenda? Há iniciativas, publicações, etc.? Existe alguma coisa a mexer neste momento em termos de interconfessionalidade ou é tudo mais centrado na questão do ecumenismo?**

A. M. – Podemos falar de vários âmbitos. Há o âmbito mediático em que, sobretudo, eu acho que existe uma grande confusão de termos e, portanto, as pessoas tanto falam do interconfessional como do ecuménico como do inter-religioso, como se fosse tudo a mesma coisa. Olhando para o panorama português há, sobretudo, alguns picos, algumas épocas em que se fala muito destas questões. Por exemplo: quando foi o encontro da Comunidade de Santo Egídio, promovido aqui em Lisboa salvo erro em Setembro de dois mil. Foi uma das épocas em que isso se falou, a propósito de “A Bíblia Manuscrita” também.

A. A. – Quando foi o onze de Setembro também...

A. M. – O onze de Setembro, foi mais sobre a dinâmica de se conhecer o Islão, de procurar aprofundar quem foi Maomé, quem foi, o que é o Alcorão. Enfim, todas essas questões ligadas mais estritamente ao Islão e, por acréscimo, um bocadinho as questões do diálogo entre cristãos e muçulmanos. Portanto, eu diria que isto é uma questão que na agenda mediática está em função dos acontecimentos e das épocas. Em termos teológicos e em termos de aprofundamento ou da reflexão sobre a fé, não estarei tão informado; se calhar o Silas aí pode ter uma noção mais exacta do que eu. Mas a nível da Europa e mesmo dos Estados Unidos, talvez, eu penso que se produz bastante nesta área. Por exemplo, eu estive num congresso recentemente nos arredores do Porto, com o tema geral, “Deus no século XXI e o futuro do Cristianismo”, em que havia vários teólogos estrangeiros a intervir, teólogos, filósofos, sociólogos, etc. E, pelo meio das intervenções as pessoas citam uma série de outros nomes, sobretudo pensadores na área da teologia, e nós às tantas nem sabemos bem se determinado nome é protestante, católico ou ortodoxo. Porque a nível da reflexão essas coisas hoje já não são o primeiro cartão de visita. O primeiro cartão de visita é o tipo de reflexão que a pessoa faz, que contributo é que traz e, portanto, eu tenho a impressão, por aquilo que vou sabendo e conhecendo, que a questão do diálogo interconfessional está muito presente na reflexão teológica. Ainda hoje, por exemplo, estive de manhã numa lição da jubilação dum professor de Bíblia, na Universidade Católica, o professor Joaquim Carreira das Neves. E ele, tenho aqui o texto que ele leu na intervenção dele e, exactamente ele pelo meio do texto, cita uma série de nomes entre os quais, pelo menos um protestante que eu me lembre, e que ele o disse claramente. Há um outro que também o é, salvo erro, e, portanto, essa realidade acho que está presente. Uma personalidade da teologia, um grande vulto da teologia europeia contemporânea como é o Hans Kung, teve uma intervenção numa das suas obras (ou em várias já) em que ele no fundo remete exactamente para o diálogo interconfessional e inter-religioso a questão da construção da paz no mundo contemporâneo, quando ele diz no “Projecto para uma Ética Mundial” (creio que se chama assim o livro), “não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões e não haverá paz entre as religiões sem diálogo entre elas.” Portanto, isto supõe que de facto a questão tem de ser afrontada até em ordem ao serviço à humanidade e, no fundo, em termos de cristianismo, é para isto que nós cá estamos.

S. O. – Pois, continuando isso, o que se está a passar é que a nível do movimento ecuménico institucional, e estou outra vez a referir-me à sua instituição mais visível que é o Conselho Mundial de Igrejas, estabelecem-se vários patamares de diálogo entre duas confissões, entre duas famílias confessionais, por exemplo entre Baptistas e

Aliança Reformada Mundial, entre Luteranos e Ortodoxos; e depois há uma quantidade de diálogos entre uns e outros, e uma quantidade de teólogos que se juntam para tentar afinar as definições herdadas do passado e tentar ver se elas ainda são válidas. Rerler os textos, discutir afinal de contas o que é que nos separa, se há pontos possíveis de encontro, etc. Bom, esse é um caminho. Mas depois, a par disto, há na base uma quantidade de coisas que rebentam por cima, em que a água salta por cima dos diques e das pontes, e em que há uma espécie de ecumenismo ou interconfessionalidade espontânea, em que as pessoas tomam de empréstimo ou vão às prateleiras uns dos outros buscar coisas que lhes interessam, começando a fazer o seu *patchwork* das coisas que lhe interessam desta e daquela tradição, até de fora do cristianismo. E isto nota-se depois muito a nível da religiosidade, de uma certa religiosidade popular, que já é quase pós-denominacional. Por exemplo, a quantidade de bocados de budismo mal importado e mal traduzido, mas que já são correntes numa certa religiosidade popular misturada com coisas cristãs, também em segunda mão. E há depois aquilo de que o António Marujo estava a falar e é um objecto de preocupações muito evidentes do professor Hans Kung: “O diálogo interconfessional visto como plataforma para a paz.” Estamos a assistir neste momento no mundo a duas tendências contraditórias, em que uma é extremamente perigosa e é a tendência para a crespção identitária. Eu volto a falar de um livro que me impressionou muito, e que é o livro do Amin Maalouf, o libanês que é hoje francês, e que se chama, *Les Identités Meurtrières*, “As Identidades Assassinas”, está traduzido em português (Editora Difel?). Estamos a assistir a um mundo em que, por motivos originalmente doutrinários ou não, isso depois vamos ver, a religião acaba por servir como motivo de crespção identitária, como bandeira, como uniforme. As pessoas vestem aquela camisola, vestem aquela cor, e sai da frente porque eu tenho a verdade e tu estás perdido. E em contraposição a isso, há uma tentativa de estabelecer pontes e diálogos interconfessionais no sentido de, por amor de Deus vejam lá não vamos fazer o Armagedon antes do tempo, ou não vamos dar corda ao relógio da história como julgávamos que era e isso levava-nos para outro terreno agora; a história do Armagedon e de quem o vai provocar... dava outro capítulo e outra conferência. Mas isso está muito presente na cabeça de muita gente, e é muito preocupante.

A. A. – Ou seja, estes contactos entre as várias religiões e, também dentro disso, entre as várias confissões cristãs, existem a vários níveis com várias dinâmicas como foi dito. Especificamente, o diálogo focalizado, intencional e interconfessional, por aquilo que estamos a ouvir, existirá talvez dentro de uma instituição ecuménica como é o Conselho Mundial de Igrejas.

A. M. – Ou dentro de uma... enfim considerando uma Igreja como a Igreja Católica. Quer dizer... Eu já ouvi um amigo meu protestante a dizer que se sente mais próximo de alguns católicos do que de outros protestantes. E eu tenho a mesma experiência. Eu sinto-me mais próximo, claramente, do modo de entender a fé e de a viver hoje de muitos protestantes, sejam amigos ou não, mas enfim, daquilo que oiço e que leio, do que de muitos católicos. E portanto, eu acho que hoje a questão não é tanto dentro duma instituição ou dentro de uma constelação de comunidades. A questão acho que é mais profunda, quer dizer, atravessa-nos a todos, para já no nosso interior. Isto é, no modo como nós fazemos esse diálogo connosco mesmos e com a referência da fé que

temos. E depois em relação à comunidade que é mais próxima. Acho que todos fazemos a experiência de que mesmo na comunidade mais pequena sintonizamos mais com determinadas pessoas do que com outras, não em termos de simpatia, quer dizer, não é isso que eu estou aqui a falar. É no modo de entender a radicalidade da fé, de como é que eu vejo, como é que eu encaro isso profundamente e portanto, e como é que eu tento viver isso.

A. A. – Então distinguiriam ou não os dois níveis: o nível, digamos, pessoal e o nível institucional. Será que vão a velocidades diferentes? Vão numa mesma direcção? Como é que descreveriam os termos do diálogo interconfessional a nível institucional, de que já se falou (Conselho Mundial de Igrejas, COPIC, Igreja Católica, Aliança Evangélica)? Por outro lado há este nível dos crentes das várias confissões que se encontram uns com os outros, pessoalmente. Distinguem os dois níveis? Vão na mesma direcção? Vão com a mesma velocidade?

S. O. – Eu penso que há velocidades diferentes e ainda pior do que isso, para complicar as coisas, e mesmo dentro de cada igreja ou dentro de cada confissão, há hoje evidentemente tensões entre uma tendência por exemplo, para simplificar, uma tendência mais conservadora e uma tendência mais liberal, pra usar os termos do jornalismo anglo-saxónico. Liberal, aqui significando quando um conservador chama liberal ao liberal, está-lhe a chamar permissivo ou esquerdista ou outras coisas piores. E quando o liberal chama conservador ao conservador, está-lhe a chamar fundamentalista e fanático. Estas tensões existem dentro de todas as igrejas neste momento, por exemplo a respeito da questão dos homossexuais cristãos, por exemplo a respeito da leitura literal do “Génesis”, o Criacionismo, o Evolucionismo, essas três vão estar em todas e muitas outras pelo meio. De maneira que dentro de cada igreja, dentro de cada confissão, há esses debates. Portanto, vai haver certamente um católico e um protestante a falarem a mesma linguagem num determinado terreno porque têm uma determinada cultura conjunta, porque coexistem, porque são contemporâneos e partilham de determinados valores e de determinada leitura dos textos; e ao lado outro católico e outro protestante que partilham do mesmo sentido e que, se calhar, se guerreiam ferozmente porque escolheram vias opostas.

A. A. – Mais concretamente, o que é que se pretende com estes diálogos? Onde é que se pretende chegar ou o que é que se pretende obter?

A. M. – Tudo depende de quem faz os diálogos. Temos de perguntar a quem é a pessoa interessada o que é que está...

A. A. – O que é que vocês observam como pessoas atentas à agenda noticiosa, aos encontros e desencontros da sociedade? Onde é que se pretende chegar?

A. M. – Não sei se alguém sabe?!

S. O. – Eu penso que as pessoas de boa fé estão interessadas em amortecer, em funcionar como amortecedores das crespações identitárias, de que fala o Amin Maalouf

e os outros, e em tentar evitar que elas continuem a ser bandeira de conflitos que, às vezes, na origem, até são territoriais ou políticos ou de outra natureza qualquer.

A. M. – Eu acho que entre as pessoas, por exemplo, entre cristãos de diferentes denominações, é fácil encontrar gente muito preocupada com estas questões e gente para quem isto é absolutamente indiferente. E nas instituições eu penso que encontra pelo mesmo tipo de atitudes. Caricaturando um bocado obviamente, e sobretudo extremando as coisas para perceber melhor, penso que nas instituições isso acontece também, ou seja: há obviamente instituições mais interessadas em promover e dinamizar processos de diálogo...

A. A. – E diálogo com que objectivos?

A. M. – Já lá vamos... E outras que quer dizer, só embarcam porque é politicamente correcto ou religiosamente correcto, diríamos nós neste caso, não é? Mas que se isso não existisse também não se importariam. Eu penso que o que se passa muito em Portugal, tendo em conta que é um país maioritariamente católico e como a maior parte dos católicos em relação a esta questão tem muito a ver com isto, quer dizer, as pessoas embarcarão, mesmo gente mais responsável embarca nisto, porque, porque sente que se não fizesse isso ficaria mal vista. E para quê? Ora bem, muitos para fazer isto a que o Silas está a referir, penso eu, que é: os cristãos hoje terem consciência de que têm uma missão num mundo muito fraccionado, muito violento. O papel dos cristãos é amortecer essa violência e se possível construir uma realidade nova sem guerras, sem conflitos, sem estas tensões que nós temos tido. E para outra gente, se calhar, porque isto é um processo histórico que começou há umas quantas décadas, há um século, no sentido de reaproximar os cristãos que entretanto se tinham partido em não sei quantas denominações. Outros, outros quase porque sim...

A. A. – Alguém tem levantado também as questões da secularização crescente e da necessidade duma acção conjunta das várias confissões e mesmo de várias religiões...

A. M. – E da necessidade de responder... Se formos por aí há quem tenha sobretudo um discurso de dizer assim: os valores cristãos estão-se a perder. não sei se algumas vez eles existiram nas nossas sociedades, mas isso é uma questão para outro debate, não é? Temos que a deixar para os historiadores. E portanto, como se estão a perder há que juntarmos forças para, para quê, não é? Pois aí esse objectivo também eu tenho várias questões em relação a ele.

A. A. – A questão da unidade por exemplo, da importância do testemunho cristão também entra aqui?

A. M. – Isso é o tal processo que eu dizia que começou há uns cem anos, cento e tal, e que levou à criação do Conselho Mundial, que levou a que haja processos de diálogo institucionais com a Igreja Católica e com ortodoxos, e que criou todas estas dinâmicas. O Silas dizia uma coisa que eu acho que é importante: é que houve um momento em que muita gente se calhar pensou, “vamos cá conversar para ver se chegamos à

igreja una”, que tem aquela referência, “que todos sejam um como Eu e Tu ó Pai somos um.” Essa fase se calhar já passou, porque temos consciência, que “a unidade existiu na igreja de Jerusalém e mesmo assim aquilo durou pouco tempo”, não é? Isto foi o Silas que disse, portanto tem direitos de autor. Mas foi bem dito, ou pelo menos eu estou de acordo. Portanto, nós temos de ter consciência de uma coisa: é que na história da humanidade ou na história do cristianismo, foi mais o tempo em que vivemos separados do que aquele em que tentámos aproximarmo-nos. Este movimento tem cem anos e o cristianismo tem vinte séculos. E os vinte séculos passámo-los quase todos divididos, não institucionalmente, como hoje, mas de outras formas talvez até mais graves. E se alargarmos aqui o âmbito do diálogo ao inter-religioso, vem contra tudo o que andámos a fazer durante os séculos todos, não é? Desde a idade da pedra em que atirávamos as ditas uns aos outros, até hoje em que as pedras são mais evoluídas e já têm outras coisas mais potentes...

A. A. – Onde é que vamos, onde é que se quer chegar, o que se quer obter com estas coisas? O Silas é um observador atento do Conselho Mundial de Igrejas...

S. O. – O Conselho Mundial de Igrejas também está a atravessar a sua crise, não tem a pretensão de fazer uma super igreja unificada. Nunca teve, mas é muito claro que isso não cabe no horizonte. Recentemente, mais concretamente nos dois últimos anos, houve uma tensão grande entre a componente Ortodoxa e a componente Protestante. E foi muito grave. Foi discutido e aprovado que o modo de decisão a nível das assembleias do Conselho Mundial de Igrejas e de outras instâncias de decisão, fosse mais por consenso do que por maioria, o que parece anti-democrático. Porque os ortodoxos diziam, vocês protestantes ocidentais estarão sempre em maioria, foram os fundadores disto, são os donos do aparelho, são as grandes igrejas ricas, mas nós representamos uma tradição ainda mais antiga e vamos lá a ver se somos respeitados e se somos ouvidos. E isso foi resolvido de uma maneira que se chama, tentativa de governo por consenso. Há documentos sobre isso e podemos indicar alguns dos sites na internet onde se podem encontrar essa história toda. Essa história está feita e está-se a passar agora, e a próxima assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, que vai ser em Porto Alegre, no Brasil, vai ter um método de votação mais em termos de procurar consensos do que de mão no ar e de decisões de maioria/minoria. Portanto, o Conselho Mundial de Igrejas continua a ter a sua vocação de tentar articular as várias igrejas, de tentar constituir uma espécie de “Nações Unidas” da Cristandade. A Igreja Católica Romana não faz parte do Conselho Mundial de Igrejas como membro igual aos outros porque nunca aceitou entrar, mas pertence a uma das comissões mais importantes fundadoras do Conselho Mundial de Igrejas que é a, “Fé e Constituição”, desde o Concílio Vaticano II. Portanto, à comissão teológica, a Igreja Católica pertence formalmente. E depois tem outros níveis de diálogo que estão a funcionar e, aliás, neste caso no Brasil, vai-se ver isso na prática a funcionar até com bastante vivacidade. Agora, para onde é que isso aponta realmente? A constituição de uma “Nações Unidas” da Cristandade com um tipo de governo central..., nunca haverá um governo central. Não está previsto nem é para aí que o movimento ecuménico caminha, não é essa a ideia... É muito a tentativa de produzir documentos, entre partes que negociam e que acontece também com a Igreja Católica Romana. Houve um documento conjunto muito importante entre a Federação Luterana Mundial e a Igreja Católica Romana sobre a dou-

trina da justificação pela fé. Os termos em que aquilo apareceu são de modo que eu na altura ainda fiz uma crónica sobre isso e ainda disse: é pá! Isto justificava um título no *L'Osservatore Romano*, em letras gordas, "LUTERO TINHA RAZÃO!" O que os termos dizem é quase isso, mas depois quando a gente vai aos meandros do documento, aos intestinos do documento, aquilo deixa sempre a possibilidade de duas leituras: a parte Católica entende disto o seguinte, não sei quê... E vem depois a parte Luterana – e nem todas as igrejas Luteranas votaram esse documento – e entende outra coisa. E depois a coisa tornou-se tão complicada que quando uns anos mais tarde apareceu a encíclica *Eclesia de Eucaristia*, em que a Igreja Católica Romana formalmente, a nível do seu governo central, portanto, a nível do Papa, definiu que a intercomunhão, que era uma das coisas visíveis no movimento ecuménico, era por amor de Deus; estávamos juntos, fazíamos uma conferência e no fim pão e vinho era para toda a gente, ceia aberta – isso foi formalmente proibido com a "Eclesia e Eucaristia". O que deu origem a que o Secretário-Geral da Federação Luterana Mundial perguntasse a Roma: então como é, não vale a pena produzirmos documentos interconfessionais a nível teológico se depois eles não têm consequências a nível prático? Isto é um exemplo de onde se quer ir e depois dos travões que aparecem pelo meio.

A. M. – Mas agora a propósito disso deixa-me dizer o seguinte: é que esse é um dos problemas que eu acho que nós hoje atravessamos com o diálogo, seja ele ecuménico ou interconfessional: aquilo que se faz em diversas instâncias, sejam elas mais institucionais ou às vezes até mais locais no âmbito nacional, por exemplo, fica muito... fica muito impermeabilizado, quer dizer não fica muito nas esferas dirigentes, nas cúpulas. E, há ali uma coisa qualquer, não sei se é pedra, qualquer coisa que não deixa as coisas passar para as pessoas ou as pessoas não chegam lá, ao comum dos fiéis dos crentes. E eu não sei como é que isto se rompe? Porque obviamente esse documento, estou convencido, nem cinco por cento de católicos nem cinco por cento de luteranos o conhecerão.

S. O. – É provável.

A. M. – Portanto, há aqui de facto um problema, isso acontece em muitos níveis da nossa sociedade não é só nas igrejas, penso eu. Mas há aqui um problema que também é, o diálogo – se algum do diálogo que se está a fazer – que consequências é que tem? Porque não é só isto que o Secretário-Geral dizia, é as consequências também ao nível do próprio alargamento duma reflexão que afinal vai existindo, não é?

S. O. – Pois, deixa-me só dar dois exemplos no sentido contrário: enquanto este documento entre a Federação Luterana Mundial e o Vaticano foi claramente no sentido de dizer a Reforma tinha razão, por exemplo o que se passa a nível do ARCIC (Anglo Roman Catholic International Committee), que é a instância de diálogo ecuménico entre a Igreja Católica e as Igrejas da Comunhão Anglicana ao mais alto nível, com teólogos, os documentos que saem desse lado, geralmente saem mais próximos do catolicismo do que seria pensável para muitas pessoas de cultura protestante. Sairam dois recentemente. Saiu um em que se admitia claramente, está escrito, eu tenho lá isso nos meus papéis e também fiz crónica sobre isso, em que se admitia do lado americano a possibilidade de se encarar uma forma de aceitar um foco de unidade que admitisse

o ministério petrino, o chamado ministério de Pedro. As palavras apareceram ali muito bem embrulhadas mas passaram, e o documento é um documento oficial entre Anglicanos e Católicos Romanos. E saiu mais recentemente um, mais surpreendente, sobre o culto de Maria intitulado *Reign Mary*. Está na net, é fácil de obter, em que a parte anglicana vai bastante longe, no sentido de aceitar determinadas formas de devoção mariana. Para grande choque da ala mais evangélica das igrejas anglicanas, que neste momento está furiosa por essas coisas e por outras e que está a crescer em número. De maneira que, depois no meio disto tudo, a função do Arcebispo da Cantuária é tentar impedir, como todos os dirigentes máximos de qualquer confissão, a ruptura da sua confissão e do seu rebanho.

A. A. – O diálogo interconfessional será, portanto, um desafio considerável no meio disto tudo... Por aquilo que estamos a ouvir, no fundo não existe uma orientação, um desejo de caminhar num mesmo sentido...

S. O. – Há muita gente a fazer muitas coisas diferentes ao mesmo tempo. E na base há muitas pessoas a tomarem iniciativas por si próprias e a irem buscar o que lhes interessa, sem pedir licença ao Pastor ou...

A. A. – Como dois cristãos, como é que se posicionam em relação a estas questões do diálogo? É um desafio abraçável? Haverá outros desafios, talvez mais interessantes? Como é que se posicionam pessoalmente neste, neste tema?

S. O. – Aquilo que eu iria dizer é o seguinte: Um dos medos das tendências evangélicas mais congregacionais em relação ao aparelho ecuménico aponta para a constituição de uma super-igreja, lá vem o Super-Papa outra vez, com outro nome, não sei quê, cuidado com isso. A ideia de que o ecumenismo tende para um retorno, a ideia de retorno, e que é visível em vários documentos oficiais do Vaticano, o ecumenismo entendido como um retorno a uma igreja primordial, que seria a igreja fundadora, a igreja mais antiga, a igreja com mais legitimidade – eu não aceito esta ideia, contesto-a e o cristianismo fundador foi o de Jerusalém e, mesmo esse, havia já nos Actos dos Apóstolos, pelo menos entre Jerusalém e Antioquia, uma discussão e depois por aí a fora. Há um retorno que eu aceito, e que eu acho importantíssimo e é aí que eu meto a minha convicção pessoal e o meu empenhamento: o nosso retorno é o retorno a um cristianismo bíblico. Agora estou a usar uma expressão que era obrigado a definir e não tenho tempo de definir nem tenho competência para a definir. Mas eu uso essa expressão, usei-a muitas vezes nas minhas crónicas. Digamos que a nostalgia que eu tenho como cristão praticante, tão praticante como o eunuco, é que o retorno que eu peço e que tenho nostalgia, que tenho sede, é o retorno ao cristianismo bíblico. Vamos à procura dele. Então o diálogo é isto: vamos à procura dele. Não vamos... podemos fazer diálogos inter-confessionais, mas a ideia não é eu perdoar-te isto, tu perdoas-me aquilo, e vamos arranjar um documento, costurar um documento conjunto em que passamos uma manta por cima. Não é isso. Ir pela positiva. A ideia é a nostalgia do cristianismo bíblico e, finalmente o Texto. Aquilo que sobrevive, aquilo que aguenta tudo, aquilo que aguentou as nossas interpretações mais literais, mais poéticas, mais metafóricas, mais simbólicas, mais histórico-críticas, aquilo que aguentou tudo ao longo destes séculos foi a Bíblia. O Texto aguentou e, no fim disto tudo, eu tenho uma

admiração pelo Texto e uma certa comoção pelo Texto. É capaz de nos surpreender até hoje, é capaz de nos comover, e sobre essa história devia ser o Alfredo Abreu a contar a história a experiência dele, nos sítios onde ele esteve a promover “A Bíblia Manuscrita” e o tipo de coisas que ele ouviu de determinadas pessoas para quem a Bíblia de repente foi, leram aquele texto e disseram: “mas eu não imaginava que isto estivesse escrito, que isto fosse tão forte.” A Bíblia é um texto forte.

A. M. – Eu também acho que estaria muito de acordo com isso que tu acabas de dizer. Fazendo uma pequena ressalva, para mim, que é – e aqui uso o que o Carreira das Neves hoje dizia, falando sobre Jesus... O título dele era: “Jesus Cristo, História, Fé e Igreja.” E ele falando exactamente do valor da Bíblia, às tantas disse assim: “a realidade da vida cristã assenta na realidade de uma pessoa, o Jesus da História, da Fé e da Igreja (aqui Igreja no sentido universal) e não num livro. O livro é um instrumento de mediação única para nos lembrar. A lembrança é mais do que o livro”. E depois noutra altura ele falava exactamente no valor do texto, penso que muito nessa perspectiva que tu estavas a dizer. Eu acho que me sintonizo muito com isto, no sentido de que também não devemos fazer da Bíblia e do texto um valor absoluto. Porque esse, essa é a tentação em que, por exemplo, incorrem muitos muçulmanos em relação ao Corão. E é a tentação em que muitos grupos cristãos incorrem, acho eu, exactamente para se degladiarem e defrontarem uns com os outros. Se calhar estou aqui a lançar grandes confusões na forma como estou a exprimir, ou seja: a minha convicção pessoal é que a nossa referência central é uma pessoa que se chama Jesus, que viveu, que nós acreditamos que morreu por nós e que ressuscitou e que nos faz uma proposta de vida. A Bíblia é a expressão de fé de uma comunidade, de comunidades nascentes exactamente em relação a essa figura. Portanto, eu não estou à procura de encontrar na Bíblia nem confirmações de factos para os noticiar no jornal nem afirmações de valores morais sobre o modo como eu me devo comportar em sociedade. Porque não é isso que lá está na minha mente... Estou sempre a dizer que é na minha perspectiva. Na minha perspectiva o que lá está é a narração de como uma pessoa, que para mim é central, viveu a sua relação com alguém a quem Ele chamava Pai; e o modo como essa relação pode ser imitada, seguida por nós, o que a gente queira. Ora com esta referência central, para mim é central, a seguir eu posso aceitar uma série de coisas: não me parece que seja importante ter uma única Igreja nem penso que seja para aí que a gente caminha, também. Porque de facto, quanto eu mais conheço a história do cristianismo, mais eu me convenço que o cristianismo foi sempre riquíssimo no seu pluralismo, mesmo em épocas em que parece que só havia uma Igreja. Aliás, houve épocas de muito maior pluralismo do que a que hoje a gente atravessa, quer dizer, hoje apesar das divisões em que nós nos situamos em termos institucionais, acho que as formações institucionais são basicamente as mesmas; não tenho dúvidas nenhuma sobre isso. Depois há umas diferenças e tal, mas as formações em que nos querem meter e em que às vezes nos deixamos meter, também, e até que forçamos a nota e tudo, têm muito pouco da experiência plural que o cristianismo teve ao longo de vários séculos. Portanto, tendo consciência de que a minha referência central é Jesus, não me parece importante nem me parece que a gente caminhe para uma igreja única. E o que me parece importante ou melhor é ter experiências plurais na forma de viver a fé. Dito isto eu diria que acho que há que lutar e há que caminhar no sentido de em conjunto

procurarmos conversar e aprofundar exactamente estas coisas que eu digo, e que são: como é que a gente vive hoje esta coisa de se dizer cristão neste tempo? E não é como é que a gente vive em função do ir à missa ou do ir ao culto ou do praticar, e aqui o tal praticante não é determinadas regras, tradições, normas que as nossas igrejas, que nós e a nossa história nos foram formatando, mas é como é que nós vivemos essa diferença que fez de Jesus uma pessoa que foi chave para muitos e que levou outros a liquidá-lo? E essa é que é a questão fundamental, quer dizer, hoje não ter nada a dizer a ninguém não é ser cristão. Portanto, eu acho que alguém só é cristão quando de facto interpela outra pessoa, seja de que maneira for: seja na economia, nos negócios, no trabalho, na família, na forma como vive a sua realidade profissional, social e pessoal. Doutra forma andamos todos aqui a enganar-nos uns aos outros, acho eu.

A. A. – Eu tenho uma pergunta final para, de seguida, abrirmos a conversa aos restantes presentes: tendo em conta estas duas últimas respostas, com algumas nuances claras entre as duas, qual é o papel que a Bíblia pode ter neste diálogo interconfessional? Qual é o papel possível e qual é o papel desejável para a Bíblia nestes diálogos interconfessionais?

S. O. – Continuando a nossa conversa e respondendo, eu concordo que isto é uma questão que é antiga na cultura protestante: o que é a Palavra de Deus e de que modo é que lê e se apropria a Palavra de Deus? Eu acho que na própria Bíblia é claro que a Palavra de Deus é Cristo, é realmente uma pessoa, o Verbo é Cristo. E a relação com a Palavra não é tanto a adoração de um texto, há depois aquela expressão famosa, em que todo o Protestante se arrisca a pegar no texto e usá-lo como um “Papa de papel”... Não é essa a relação correcta. A relação é a relação do discípulo. Tudo isto desemboca ou o assento tónico é o discipulado. Jesus não dava folhetos às pessoas, a maior parte não saberia ler. Contava, falava por parábolas e depois dizia: “segue-me.” A questão fundamental é ser discípulo, e ser discípulo de uma pessoa. E não, não estou nada distante do António Marujo. Agora, a Bíblia como texto é muito importante... e eu vou dizer que é mais importante do que nunca, justamente no momento em que está a ser substituída por uma quantidade de bíblias alternativas. O que eu vejo à minha volta é que toda a gente anda à procura ou da Escritura ou da Escritura verdadeira. O Código Da Vinci, o que é que as pessoas lêem no Código Da Vinci? O que é que diz o Código Da Vinci? E diz, afinal de contas, nós queremos a Bíblia, mas afinal de contas a Bíblia verdadeira é falsa e a falsa é que é verdadeira. Então vamos aos evangelhos gnósticos, então vamos à tradição da Maria Madalena e não sei quê. Pronto as nossas igrejas aí têm no nosso diálogo interconfessional a responsabilidade de, modestamente, fazer a pedagogia às pessoas e dizer: olha, querem ler história do cristianismo primitivo? Façam favor. Leiam os evangelhos gnósticos e vamos discutir a história do cânone, como é que a Bíblia foi formada. Tudo bem. Agora, a quantidade de bíblias alternativas, a quantidade de Paulos Coelho que fizeram fortunas, a quantidade de profecias celestinas, a quantidade de gente que anda à procura de outras escrituras, demonstra que há uma sede da Escritura.

A. M. – Isso eu também estou de acordo. E aí eu penso que a Bíblia tem um papel fundamental no diálogo interconfessional. Desde logo, porque o texto é aquilo que nos pode unir. E aí, penso que o trabalho das Sociedades Bíblicas tem sido importantíssimo,

no sentido de, exactamente dotar os cristãos de um texto cuja tradução pode ser reconhecida por todos. E, portanto não haver ninguém que diz: há, mas isso é para defender a existência do Papa ou isso é para dizer que, não senhor, não há Papa no mundo. Portanto esse trabalho de tradução conjunta, além de aproximar as pessoas que o fazem, e que são normalmente gente de grande nível, penso que abre caminho para que as pessoas possam, em comum, reconhecer-se nesse texto. E obviamente reconhecendo-se nesse texto, podem aprender a lê-lo, a rezá-lo e a vivê-lo doutra maneira. Obviamente, continuaremos pelos séculos fora a ler, se nos juntássemos agora e pegássemos numa passagem, se calhar todos nós teríamos aqui interpretações diferentes para o mesmo texto. Eu, isso acho que é uma das riquezas do cristianismo. Porque foi apesar dessas diferenças, que os primeiros cristãos viviam, que as pessoas puderam reparar que de facto eles tinham qualquer coisa que não jogava com o comum da sociedade do seu tempo. E, portanto, esse, eu acho que é o desafio. É a partir da referência a Jesus, a partir do Texto, ser capaz de perceber o que é que eu posso ser diferente hoje. Se eu posso ser ou não significativo e relevante para as pessoas que se cruzam comigo? Essa é que é a questão. E se de facto eu não sou relevante para ninguém, não vale a pena andar com grandes ideias...

A. A. – Esta conversa até agora contribuiu para esclarecer a questão do diálogo interconfessional? Que sentido faz falar neste tipo de diálogo? Que questões gostariam de colocar aos nossos dois convidados?

ESTUDANTE 1 – É possível no diálogo interconfessional relativizar os absolutos, ou não?

A. M. – Eu desejaria que fosse. Há um absoluto que eu acho que nenhum de nós tem o direito de relativizar que é Jesus. Agora, mesmo a forma de o viver, não tem que ser absoluto.

ESTUDANTE 2 – Mas que Jesus Cristo, Jesus Cristo é esse de que fala? Porque nós podemos construir uma imagem de Jesus e partir com essa imagem para o diálogo interconfessional, e não ser uma imagem realmente do Cristo vivo. Eu creio que se nós entendermos a Escritura no seu todo, de Génesis até ao Apocalipse, nós entendemos Jesus Cristo como uma pessoa central, exclusiva e absoluta, em termos de poder de autoridade e carácter, que suplanta tudo o resto. E a Escritura não é propriamente só o relato daquilo que aconteceu. Porque ela própria nos diz que a “Palavra é viva”. E cada vez que nós a lemos, nós estamos a reviver a pessoa e o carácter do próprio Deus. Eu creio que este elemento não deve ser deixado de levar em conta. Quando nós estamos a ler, estamos a ouvir de Cristo, estamos a ouvir do cristianismo, a Palavra torna-se viva. E se ela se torna viva, ela tem um impacto em nós que produz mudanças, que produz transformação. E a mim o diálogo interconfessional não me faz confusão, se dentro do catolicismo eu encontrar alguém que reconhece em Jesus Cristo a figura não só central da Bíblia mas como exclusiva e absoluta, em termos de devoção e entrega. E que se identifica totalmente com o carácter de Cristo. E aqui, dentro do cristianismo eu não terei problemas nenhuns com isso. E penso que esta questão da exclusividade de Cristo e do Senhorio de Cristo é a grande questão do diálogo interconfessional. Porque como foi já aqui dito, será que é possível relativizar os absolutos? Este eu creio

que é um absoluto no qual nós devíamos investir muito tempo. Porque há muita teologia especulativa e pouca teologia funcional do que realmente Jesus Cristo é. E os verdadeiros cristãos sabem realmente quem Jesus Cristo é. Isto se calhar é uma fracção muito grande que eu estou a ter, mas não me importo nada. E essas pessoas, é curioso, eu vejo que elas se estão a encontrar. E o verdadeiro diálogo ecuménico, ele é silencioso, ele não é formal, ele não é estruturado. São pessoas que se encontram na rua e que reconhecem este Jesus suficiente e total. E elas estão-se a encontrar e vão-se começar a encontrar cada vez mais. Mas nós não vamos ver, porque é um movimento invisível. E realmente esta era a palavra que eu queria deixar: que Jesus é esse para o qual nós olhamos? O Jesus da História ou o Jesus da Fé? Não. É Jesus o Filho de Deus! O Rei dos reis! Obrigado. Peço desculpa se fui cansativo, por me fazer escutar.

ESTUDANTE 1 – Só mais uma pergunta, sobre os absolutos. É possível o diálogo inter-confessional, partindo do pressuposto que se pode relativizar os absolutos, temos então, união, o budismo, islamismo e temos uma coerência ortodoxa?

ESTUDANTE 2 – O problema é que se nós reduzirmos tudo só à nossa experiência ou ao que eu penso ou ao que eu sinto, isto está aberto ao humanismo e não faz nada mais. Temos uma variedade e em todo o mundo, é impossível. Mas quando nós unimos a relação com Deus pela fé e quando nós temos isto substanciado pela Palavra de Deus e toma uma base da vida, também, e quando esta vida está vista publicamente, disse o António Marujo ainda há pouco, a vida realmente é mostrada pela vida da pessoa andando na rua, na casa, na escola, no emprego, qualquer que seja. É por aí que nós podemos viver. É por aí que cristianismo torna-se alguma coisa que presta e que vale. E é isto que nós cremos. Em várias fases da história de Israel e também em termos da vida privativa da Igreja e durante várias épocas na história. Mas a Palavra vai com a experiência, a experiência vai com a Palavra. E tem que ser assim. É assim que Deus revelou. E é assim que a coisa vive.

S. O. – Eu creio que as duas questões de fundo que se põem nesta parte final são: a questão da convicção e a questão da autoridade. E que são questões que tiveram consequência ao longo da história do cristianismo. É certíssimo termos convicções fortes e, eventualmente, não coincidentes sobre o nosso modo de abordagem à Escritura e sobre o nosso modo de sermos discípulos. Que foram os pontos em que estivemos sempre de acordo e em que achamos que, esses absolutos, nós acreditamos, ser discípulos e ser relevantes e ter consequências para os nossos próximos. Ter convicções fortes é uma coisa. Agora, as minhas convicções ou as do António Marujo, não nos colocam na posição de dizermos: agora, a partir de agora, a minha leitura da Escritura é a que vale e fora da minha igreja não há salvação. Eu isso nunca direi.

A. M. – Eu, entre o Jesus da História e o Jesus da Fé eu acho que... para mim o Jesus da História é importante para chegar mais ao, para me aproximar mais do Jesus da Fé. Quer dizer, eu não estou à espera que a História me venha confirmar a ressurreição, porque aí já não precisava de fé nenhuma, não é? Se a História me confirmasse, não era preciso acreditar em nada. E acho que a ressurreição é de um outro âmbito, não é do âmbito historicista. Acho que de facto o trabalho de perceber quem foi Jesus no seu tempo e como é que era o tempo de Jesus e ajudar-nos a perceber que, se calhar nem

todas as coisas que estão no texto são para ser lidas à letra mas são, têm uma função, que é chegar exactamente ao Jesus da Fé. Isso para mim é o fundamental. Mas que Jesus é esse? Essa é que é a pergunta mais importante, que eu acho que nos devemos fazer uns aos outros. Acho que a grande proposta que Jesus veio fazer, acho eu que foi só uma, foi: “amai-vos uns aos outros.” Isto implica que hoje, no nosso tempo, nós temos... implica que é muito difícil viver hoje no nosso tempo. Porque, de facto, é muito difícil perdoar o chefe que nos manda fazer uma coisa que a gente acha que nem deve fazer, já não digo aquilo que a gente não gosta, digo aquilo que achamos às vezes que não devemos, e como é que nós vivemos com isso? Implica por exemplo, sabermos que o mundo tem graves problemas ecológicos e o que é que eu estou a fazer para entregar um mundo, ao menos tão cuidado quanto eu o recebi. Porque isso é uma forma de amor...